

ENTREVISTA

SE ESTÁ TODO MUNDO ANDANDO PARA UM LADO, EU QUERO ANDAR PARA O OUTRO

Entrevista com Rosa Gauditano

Elaine Schmitt¹

Marcia Boroski²

Resumo

Rosa Gauditano foi professora de Fotografia da Pontifícia Universidade de São Paulo e criou a ONG Nossa Tribo, cuja proposta era fazer a conexão entre as aldeias indígenas e cidades por meio do trabalho com fotografia e vídeo. Nesta entrevista, Gauditano conta sobre como entrou na fotografia engajada politicamente durante o período da ditadura militar brasileira, cobrindo as greves históricas da região do ABC paulista, os movimentos das mulheres e dos negros e, especialmente, como percebia a inserção e participação das mulheres no campo profissional do fotojornalismo.

Palavras-chave: fotografia, história da fotografia, movimentos sociais

1 Doutoranda em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

2 Doutoranda em Comunicação em Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Professora de Comunicação na Uninter.

As realidades enquadradas por Rosa Gauditano são, sem dúvida, documentos históricos constituídos como reflexo de uma posição de mundo, que diz respeito a si mesma, mas também àquelas e àqueles que percebe em seu entorno. Como fotojornalista, dedicou-se por décadas ao registro de movimentos sociais brasileiros e de pautas relacionadas à violência e à discriminação de diversos grupos sociais, como de mulheres, prostitutas, lésbicas, crianças, pessoas negras e indígenas.

Nascida em São Paulo, ela já foi professora de Fotografia da Pontifícia Universidade de São Paulo e criou a ONG Nossa Tribo, cuja proposta era fazer a conexão entre as aldeias indígenas e cidades por meio do trabalho com fotografia e vídeo.

Parte de sua produção pode ser encontrada nos diversos livros publicados, dentre eles, "Índios, os Primeiros Habitantes", que traz histórias de povos Yanomami (RR), Xavante (MT), Kayapó (PA), Guarani M'Byá (SP), Pankararu (PE), Carajá (TO), Tucano (AM) e Arara (AM) documentados entre 1989 e 1998, "Guarani M'Byá na Cidade de São Paulo", que é fruto de um projeto de fotografia, desenho e texto, realizado com 90 jovens indígenas das quatro aldeias Guarani M'Byá em São Paulo no ano de 2006, além de "A Mesma Luta - Movimentos Sociais 1974-1984", que reúne fotografias dos movimentos sociais da região do ABC paulista nessa época, e outros³. Vale destacar ainda as séries Prostitutas⁴ (1976) e Vidas Proibidas⁵ (1979)⁶. Sua obra também pode ser vista em acervos de museus nacionais e internacionais, além de dezenas de exposições individuais ao longo de anos.

Nesta entrevista, a fotógrafa, que já trabalhou para o jornal Folha de S. Paulo, para a revista Veja e para jornais alternativos como Versus, Movimento e Em Tempo, conta sobre como entrou na fotografia engajada politicamente durante o

3. Outros livros da fotógrafa podem ser encontrados aqui: <https://www.rosagauditano.com.br/livros-publicados>. Acessado em 22 de maio de 2022.

4. Disponível em: <https://www.rosagauditano.com.br/prostitutas-1975>. Acessado em 22 de maio de 2022.

5. Disponível em: <https://www.rosagauditano.com.br/them-for-them>. Acessado em 22 de maio de 2022.

6. As séries mencionadas estão disponíveis no site oficial de Rosa Gauditano e podem ser visualizadas por meio do seguinte link: <http://www.rosagauditano.com.br/>. Acessado em 22 de maio de 2022.

Período da ditadura militar brasileira, cobrindo as greves históricas da região do ABC paulista, os movimentos das mulheres e dos negros e, especialmente, como percebia a inserção e participação das mulheres no campo profissional do fotojornalismo.

Rosa parece ter construído seu trabalho, hoje um acervo que conta 40 anos de história do Brasil, na busca paulatina por diferentes ângulos, seja de tomada fotográfica, seja de tomada de posição perante um mundo de desigualdades e violências, ou, ainda, pela forma como decidiu relacionar-se com seus pares masculinos no interior das redações em que trabalhou. Dentre os verbos que a ajudaram a conectar as memórias de sua trajetória, *resistir*, *subverter* e *fotografar* soam como os elos fundamentais nessa narrativa.

Pergunta: Você pode nos contar como foi ser uma mulher fotojornalista no período da ditadura militar brasileira?

Rosa Gauditano: Eu fotografei os movimentos sociais de 1978 a 1985. Para mim, era curioso estar nos lugares onde as pessoas estavam se expressando contra uma ordem estabelecida. Meu primeiro contato com os jornais foi quando descobri que existia um jornal só de mulheres, o *Nós Mulheres*. Peguei o endereço em um exemplar e fui lá com uma caixinha de fotos 18x24 da *Kodak*, as quais eu ampliava em um laboratório que era montado em um quatinho na casa da minha vizinha. Fui lá pensando que poderia encontrar gente igual a mim e que poderia publicar as minhas fotos. Naquela época, ainda estava engatinhando, fotografava crianças na periferia e pessoas na rua de São Paulo. O *Nós Mulheres* funcionava no porão de uma casa onde; em cima, era o jornal *Versus* - um jornal da ditadura que foi fundado pelo Marcos Faerman, grande jornalista do *Jornal da Tarde*, que foi quem me atendeu. Ele disse que *elas* não estavam e pediu para ver minhas fotos. Ficou conversando comigo e me convidou para uma reunião de pauta no dia seguinte. Eu nem sabia o que era uma reunião de pauta, mas fui e caí num lugar maravilhoso, porque, nessa época, além do Marcão, que era o editor, havia o Omar de Barros Filho, também editor, e o Luiz Egito - que acabou sendo meu primeiro marido. Eu casei com ele e tivemos uma filha. O Toninho Mendes, o Paulo Caruso, o Caco

Barcelos, e mais um monte de gente de quem nunca havia ouvido falar estavam na reunião. Também estavam Neusa Maria Pereira e Hamilton Cardoso, do Movimento Negro (o *Versus* tinha quatro páginas que eram só sobre negros, escritas por esses jornalistas). Fiquei lá no canto, escutando eles fazerem a reunião. O Marcão me deu algumas edições; eu li e achei o jornal bárbaro, porque falava de cultura da América Latina. O tempo no *Versus* foi de grande aprendizado para mim. Eu encontrei minha turma, sabe? Acho que na época o jornal era bimestral, não lembro. Eles me davam umas pautas e falavam “Ah, Rosa, vai ter tal coisa, você não quer ir lá fotografar?” e eu topava. Não ganhava nada, porque o jornal era de graça; a gente fazia por amor. Naquela época, não se tinha ideia do que era uma ditadura, ninguém falava na televisão. Foi aí que comecei a fotografar os movimentos sociais no ABC paulista. Quando conheci e fotografei o Lula ele ainda não era diretor do *Sindicato dos Metalúrgicos*. Eu cobri todas as grandes greves do ABC para o *Versus*. Com o tempo, descobri outros jornais e segui fotografando, de graça para o *Versus*, e para o *Movimento* e o *Em Tempo*, vendendo. Normalmente, eu tinha fotos boas e diferentes, e eles compravam. Nesses 10 anos de fotografia de movimentos sociais, fotografei o movimento de mulheres, os *Congressos da Mulher Paulista*, a primeira manifestação negra depois da ditadura. Por incrível que pareça, sou a única fotógrafa que tem fotos do movimento negro e do movimento indígena que começava a se organizar dentro das igrejas. A primeira foto que vendi para a grande imprensa foi para a revista *Veja*. Eu publiquei uma foto (Figura 1), no jornal *Movimento*, que tinha umas pessoas com um balão escrito “Abaixo a censura” e a *Veja* me procurou para comprar a foto. Nessa época não tinha carro, andava de ônibus e não sei nem como cheguei na *Marginal*, no prédio da *Abril*, com a minha caixinha de fotos. Levei várias fotos; eles escolheram, compraram e publicaram. Mal sabia eu que depois iria ser fotógrafa naquela revista.

Figura 1 – Fotografia da mesma ocasião mencionada por Rosa, publicada no jornal *Versus*.



Crédito: Rosa Gauditano. Fonte: Jornal *Versus*, p.13, vol 22 (jun-jul), de 1978.

Pergunta: Em uma edição de 1979 da Revista Fotóptica, disponibilizada pelo Instituto Moreira Sales, você, a Nair Benedicto e a Cristina Villares comentam sobre o enfoque jornalístico, a cobertura de manifestações contra a ditadura e o registro de mulheres que participavam desses eventos, especificamente, como elas estavam despertando para uma consciência política. Para você, existia a consciência sobre a condição das mulheres na esfera pública, principalmente no fotojornalismo daquele momento? Seria isso, talvez, influência dos movimentos de mulheres e feministas?

Rosa Gauditano: Naquela época já havia algumas jornalistas que escreviam, mas fotógrafas éramos muito poucas. Contratadas, na grande imprensa, menos ainda. Em 1984, a Folha de S. Paulo fez uma grande reorganização da equipe. Soube que eles estavam abrindo vaga para fotógrafos e levei meu portfólio. Fomos contratadas eu, a Renata Falzoni (SP), a Eliana Assumpção (SP) e a Avani Stein (RS); antes não havia nenhuma mulher na equipe. Foi uma revolução. Primeiro porque eles se sentiram super ameaçados. Segundo porque entramos as quatro de uma vez, e éramos todas jovens fotógrafas promissoras, todas com bons trabalhos. Lembro que a revista Isto É fez uma matéria conosco, página dupla, chamada “As meninas da Folha”. Fizemos umas fotos da gente lá em cima no heliporto da Folha, falando que pela primeira vez o jornalismo estava contratando fotógrafas mulheres. Eu sei que já houve outras fotógrafas que trabalharam na Folha, mas acho que não eram brasileiras, talvez, de origem europeia. Não lembro o nome delas. Mas a gente virou uma sensação! E era muito divertido. No começo, os fotógrafos se sentiram ameaçados, mas, depois, acabamos ficando amigos. Porque para nós não havia a ideia de que nós éramos mulheres fazendo a revolução. Não existia isso. A gente estava abrindo um caminho. Eu me via assim: abrindo um espaço para mim. Não me interessava se era mulher ou homem. Não havia essa coisa de “eu sou feminista, por isso eu estou chegando aqui”. Intuitivamente, sempre fui feminista. A verdade é essa. Hoje, quando vejo a minha história, percebo que era uma coisa que vinha de mim, vinha da minha ânsia de ser independente, e acho que puxei isso da minha mãe. Ela não falava para a gente o que devia ou não ser feito, mas suas ações diziam. Ela era uma pessoa muito independente. Então, apesar de eu ter tido uma educação muito rígida por parte do meu pai, acho que esse lado da minha mãe ficou muito presente na minha alma.

Pergunta: Você poderia comentar essa fotografia (Figura 2) do Ato público do Grupo SOS Mulher, na Praça da Sé, em 1981? Talvez, enfocando o ponto de vista de sua intenção.

Figura 2 – Ato público do Grupo SOS Mulher, na Praça da Sé, em 1981.



Crédito: Rosa Gauditano. Fonte: Revista Zum (2018).

Rosa Gauditano: Quando eu fiz essa foto, o que pensei foi “Socorro, queremos viver”. Ou seja, as mulheres querem viver sem a violência dos maridos, sem a violência doméstica, sem a violência na vida. E a mulher com o bebê, para mim, simbolizou a independência dela. Independentemente de estar com o marido ou não, ela quer viver e ter uma vida boa. Uma vez uma pessoa me perguntou sobre essa foto e achei engraçado porque ela leu diferente do que eu fotografei. Ela imaginou que a foto era sobre o bebê ser contra o aborto. E isso me chamou a atenção. Quando eu fotografei não pensei nisso. Pensei nas mulheres, na luta das mulheres, com bebê ou sem bebê. E como ela era uma mãe que estava com o bebê na passeata, e achei isso legal. Ela não tinha com quem deixar ele em casa. Isso é um grande problema para as mulheres, né?

7. Disponível em <https://revistazum.com.br/radar/rosa-gauditano-greves-abc/>. Acessado em 01 de julho de 2021..

Pergunta: Interessante isso que você falou da imagem. A intenção que você teve no momento de fotografar foi um, e a pessoa leu de outra forma. Isso diz de um poder da imagem de abrir esses diversos sentidos.

Rosa Gauditano: É. E a legenda, onde você publica e como você publica muda o contexto da imagem.

Pergunta: Nos dias de hoje, você acha que a inserção da mulher no fotojornalismo é muito diferente comparada à época em que você entrou?

Rosa Gauditano: Hoje, acho que as mulheres estão muito mais focadas na situação delas dentro do contexto social em que estão. Participo do grupo “Fotografias pela Democracia” e vejo que a moçada mais jovem, às vezes, são super radicais, super feministas. Elas vêm com um monte de discurso. Antigamente, eu, pelo menos, não tinha um discurso agressivo, porque sabia que se tivesse não iria me abrir espaços. E queria abrir um espaço lado a lado com os homens. E, se fosse agressiva, eles já iriam fechar a porta. Eu trabalhei na grande imprensa, na Veja, na Folha, com homens que estavam lá há 20, 30 anos. Fotografei em um campo de futebol, mesmo sem nem saber o que era um jogo de futebol. E a saída foi pedir explicação a eles. Para mim, foi importante estar lado a lado deles. Não pensava em estar mais à frente, nem em chegar com força. Por exemplo, em uma cobertura de um evento com o Presidente da República, era impossível chegar lá na frente. Os fotógrafos eram uns armários, grandes, gordos, fortes e eu, magrinha e pequena. Pedia licença para alguém que me conhecesse. Eles iam me dando e eu ia passando e agradecendo. Até que chegava lá na frente e ficava agachada. Mas isso foi porque eles me respeitavam e, ao mesmo tempo, eu tentava não competir com eles. Porque se mostrasse que estava competindo com eles, eles não iriam me deixar passar. Quando era muita gente, ou os fotógrafos não me conheciam, eles não me deixavam passar. Com isso eu tinha que arrumar outro jeito e acabava encontrando

ângulos diferentes. Na Veja havia uma equipe de quatro fotógrafos e, às vezes, os quatro estavam fotografando a mesma pauta e eu emplacava a foto porque todo mundo ia em um lugar, e eu ia em outro. O pessoal da edição falava “Pô, ninguém fez essa foto aqui que a Rosa fez. Então, vamos usar ela”. Essa coisa de fazer as coisas diferente é uma coisa normal na minha vida, pois se está todo mundo andando para um lado, eu quero andar para o outro. Não gosto de fazer o que todo mundo faz e acho que isso é natural da minha personalidade e me ajudou no meu trabalho. ©